



SAVERIO GAETA

FÁTIMA

TODA A VERDADE

• A história, os segredos, a consagração •

O olhar completo e definitivo sobre um dos momentos
mais marcantes da história da Igreja



nascente

ÍNDICE

<i>Introdução</i>	9
1. CEM ANOS E AINDA NÃO TERMINOU	15
Uma figura luminosa	22
A Senhora reaparece	29
Um apelo misterioso	34
A promessa e o milagre.....	41
As duas testemunhas.....	50
Consagrada entre as Doroteias	55
Finalmente no Carmelo.....	60
2. TRÊS SEGREDOS E UM APÊNDICE?	69
Uma escrita atormentada	75
A decisão de João XXIII	81
O Papa Wojtyla e o atentado.....	89
Os dois envelopes da irmã Lúcia	95
As motivações de 1960	100
A revelação de 2000.....	107

Como morto ou, até, assassinado	111
As hipóteses sobre os dois textos.....	119
Portugal e a fé	125
3. OS SACRIFÍCIOS E AS ORAÇÕES	135
A corda dividida em três.....	144
O Coração e os espinhos	151
Os vinte apelos	158
4. NOVE PONTÍFICES E A CONSAGRAÇÃO.....	169
A perplexidade de Pio XI.....	175
A consagração de Pio XII	180
As reservas de João XXIII e de Paulo VI.....	190
O encontro de João Paulo I	195
A bala de João Paulo II	198
O Papa Wojtyła cumpriu tudo?	206
As consagrações de Bento XVI e de Francisco	215
<i>Cronologia</i>	221
<i>Bibliografia citada</i>	233

INTRODUÇÃO



«**F**átima é, sem dúvida, a mais profética das aparições modernas.»¹ Esta perentória afirmação, proferida no Vaticano na conferência de imprensa de 2000 para a apresentação do Terceiro Segredo, assinalou de forma indelével a tomada de consciência da comunidade eclesial relativamente a um acontecimento que há cem anos acompanha a história da humanidade — pelo menos da parte mais simples e genuína, que reconhece nas manifestações de Nossa Senhora a ternura de uma mão materna que procura proteger a Terra da autodestruição.

Incrivelmente, o mundo dos «sábios», pelo contrário, não parece ter-se apercebido de nada, pelo menos a julgar pelos relatórios mais respeitáveis da história das últimas décadas, desde a *Storia d'Europa*, da Einaudi (1996), ao *Atlante Storico*, da Garzanti (2012), ou desde a *Cronologia Universale*, da Vallardi (1994), à da Utet (2002) e da Rizzoli (2013).

¹ http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20000626_message-fatima_po.html.

Por mais absurdo que possa parecer, por entre dezenas de milhares de referências a acontecimentos de todo o tipo (muitos dos quais verdadeiramente bizarros ou absolutamente inconsistentes), não consideraram oportuno dedicar um par de linhas às aparições de Nossa Senhora de Fátima.

Na verdade, há que repeti-lo claramente: o desafio de Fátima foi acolhido, sobretudo, por pessoas comuns que vislumbraram, nas intervenções marianas, um ativo envolvimento do sobrenatural nas penosas vicissitudes humanas. E que compreenderam que o Segredo de Fátima não é uma profecia que pretende incutir medo, mas, sim, um aviso que ilumina aquilo que os homens poderão alcançar se continuarem a seguir pela estrada do mal.

São João Paulo II sintetizou-o na perfeição: «Olhando os sinais dos tempos neste século xx, Fátima encontra-se certamente entre os maiores, até porque anuncia na sua Mensagem, e condiciona à vivência dos seus apelos, muitos dos restantes que lhe sobrevieram: sinais como as duas guerras mundiais, mas também grandes assembleias de nações e povos sob o signo do diálogo e da paz; a opressão e as convulsões sofridas por diversas nações e povos, mas também a voz e a vez dadas a populações e gentes que entretanto se levantaram na arena internacional; as crises, deserções e tantos sofrimentos nos membros da Igreja, mas também uma renovada e intensa sensação de solidariedade e mútua dependência no Corpo Místico de Cristo, que se vai consolidando em todos os batizados, segundo as respetivas vocação e missão; o afastamento e abandono de Deus da parte de indivíduos e sociedades, mas também uma irrupção do Espírito da Verdade nos corações e nas comunidades, tendo-se

chegado à imolação e ao martírio para salvar a imagem e semelhança de Deus no homem, para salvar o homem do homem.»²

O escritor Anatole France dizia que o acaso é «o pseudónimo de Deus, quando não quer assinar por extenso». Será, então, «um acaso», mas precisamente a 13 de outubro de 2016, no 99.º aniversário do Milagre do Sol, em Fátima, o presidente cessante dos Estados Unidos, Barack Obama, assinou uma das suas últimas ordens executivas para «preparar os Estados Unidos para reduzirem a perda económica, para salvarem vidas humanas e para melhorarem a segurança nacional, e para ajudar a motivar governos estatais e locais, e de outros países, a criarem comunidades que sejam mais resistentes aos efeitos sobre o ambiente derivados das tempestades solares magnéticas». Um fenómeno que os cientistas consideram atualmente como a ameaça mais catastrófica à sobrevivência do nosso planeta, uma vez que poderá destruir toda a infraestrutura informática que hoje coordena tudo, desde a distribuição de energia elétrica e da água aos abastecimentos das lojas, desde o sistema de transportes a todo o tipo de comunicação.

O presidente não se apercebeu certamente desta data simbólica, tal como antes haviam passado despercebidas inúmeras «coincidências»: desde a explosão de 13 de maio de 1984, em Severomorsk (um mês após a consagração ao Imaculado Coração de Maria por João Paulo II), na qual foram destruídos dois terços do armamento da frota soviética,

² Mensagem de João Paulo II ao bispo de Leiria-Fátima no 80.º aniversário das aparições (1 de outubro de 1997), em http://www.leiria-fatima.pt/attachments/article/273/Leiria-Fatima_ed_15.pdf.

aos incêndios de maio de 1988 (a meio do Ano Mariano de 1987–1988), quando duas fábricas de combustíveis para mísseis — uma norte-americana, no Nevada, e outra soviética, na Ucrânia — foram arrasadas; desde o desmembramento da União Soviética, a 8 de dezembro de 1991, ao arriar da bandeira no Kremlin, a 25 de dezembro do mesmo ano, duas datas que apenas para a Igreja Católica são a festa da Imaculada Conceição e o Natal — uma vez que a Igreja Ortodoxa russa não festeja a Imaculada e celebra o Natal a 7 de janeiro, segundo o calendário juliano.

Por outro lado, a sobreposição de diversas recorrências significativas em 2017 também é invulgar. Além do centenário de Fátima, celebram-se os quinhentos anos da Reforma de Lutero, os trezentos anos da fundação da Maçonaria e os cem anos da Revolução Russa — acontecimentos que tiveram um forte impacto na história, repercutindo-se até aos nossos tempos, e a propósito dos quais continua a ser válida a síntese que o Papa Pio XII fez daquelas três épocas do protestantismo, do iluminismo e do ateísmo: «Oh, não nos perguntem quem é o “inimigo” nem quais as vestes que enverga. Desejou a natureza sem a graça, a razão sem a fé, a liberdade sem autoridade — por vezes, a autoridade sem liberdade. É um “inimigo” que se tornou cada vez mais concreto, com uma falta de escrúpulos que nos deixa ainda atónitos: Cristo, sim; Igreja, não. E ainda: Deus, sim; Cristo, não. Por fim, o grito ímpio: Deus está morto ou, melhor, Deus nunca existiu.»³

³ Discurso de Pio XII aos homens da Ação Católica (12 de outubro de 1952), em https://w2.vatican.va/content/pius-xii/it/speeches/1952/documents/hf_p-xii_spe_19521012_uomini-azione-cattolica.html.

No «fio condutor» ideal que une de forma indelével as manifestações marianas, Fátima representa um apelo fundamental precisamente nesta dimensão: independentemente de todas as discussões sobre a existência de um excerto não revelado do Segredo e sobre a correção da consagração ao Imaculado Coração de Maria (cujos detalhes são aprofundados neste livro), Nossa Senhora do Rosário continua a recordar-nos que Deus nos criou por amor e volta a lançar, constantemente, o apelo à conversão dos corações e ao sacrifício salvífico, sintetizado na oração ensinada aos pequenos videntes: «Ó meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do Inferno, levai as alminhas todas para o Céu, principalmente as que mais precisarem.»⁴

⁴ Luigi Kondor (compilação), *Memórias da Irmã Lúcia*, Volume 1, Secretariado dos Pastorinhos, 2005, p. 123.

1

**CEM ANOS
E AINDA NÃO TERMINOU**



Os acontecimentos de Fátima marcam um verdadeiro ponto de viragem na história contemporânea quer da Igreja quer do mundo e, volvidos cem anos, continuam a representar um dramático e premente apelo que o Céu dirige aos homens.

As manifestações do Anjo, em 1915 e 1916, e as da Senhora do Rosário, em 1917, situam-se, cronologicamente, entre momentos que podem ser definidos como históricos: a aparição de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa na Rue du Bac, em Paris, que, em 1830, deu início aos grandes acontecimentos marianos dos últimos dois séculos, e o início do terceiro milénio cristão que, em 2000, assistiu ao Grande Jubileu (com a beatificação dos pequenos videntes Francisco e Jacinta e a revelação da «terceira parte» do Segredo) e, em 2001, ao trágico atentado às Torres Gémeas de Nova Iorque (desde aí que todos os dias que vivemos são impregnados com imagens do Apocalipse).

A mais velha dos três videntes, Lúcia de Jesus Rosa dos Santos, nasceu numa Quinta-Feira Santa, a 28 de março

de 1907¹, em Aljustrel, uma pequena aldeia composta apenas por duas dezenas de famílias, a pouca distância de Fátima, na diocese portuguesa de Leiria. Era filha de António dos Santos e de Maria Rosa, e a última de sete irmãos: cinco raparigas (Maria dos Anjos, Teresa, Glória e Carolina, além da pequena Maria, nascida prematura e morta pouco depois) e um rapaz (Manuel).

Naqueles atarefados dias da Semana Santa, o pároco Manuel Joaquim de Oliveira evitava batizar os bebés com menos de uma semana; por isso, o pai António, que desejava que a cerimónia fosse celebrada antes da Páscoa, declarou como data do parto o dia 22 de março. O batismo realizou-se, assim, a 30 de março, na igreja paroquial de Fátima, e o nome Lúcia foi escolhido pelo pai da jovem madrinha Maria Rosa, homónima e afilhada da mãe Maria.

Lúcia viveu uma infância serena. Ocupava-se de alguns trabalhos domésticos e aprendia a cozinhar na escola da irmã Maria dos Anjos, 16 anos mais velha. A mãe era catequista e organizava em casa os encontros de preparação para a primeira comunhão, nos quais a filha participava com prazer, a ponto de, aos 6 anos, pedir para receber a Eucaristia. O pároco considerava-a ainda demasiado jovem, mas um outro sacerdote, o padre Cruz de Lisboa, quis interrogá-la sobre o catecismo e apercebeu-se de que tinha a preparação adequada.

¹ Para evitar equívocos, é esta a data exata, apesar do que se lê no livro-entrevista *L'Ultimo Segreto di Fatima*, com o cardeal Tarcisio Bertone, organizado por Giuseppe De Carli. Aqui, a denominada «cronologia dos acontecimentos escrupulosos» indicou inicialmente 30 de março (na primeira edição de 2007, p. 183), dia do batismo, e posteriormente 22 de março (na segunda edição de 2010, p. 235), dia ficticiamente indicado pelo pai para conseguir que o batismo fosse celebrado durante a Semana Santa. A relevância do autor da obra, então secretário de Estado da Santa Sé, poderia levar a atribuir veracidade a pormenores imprecisos.

Muitos anos mais tarde, a vidente descreveu assim a conclusão da sua primeira confissão, após o sacerdote lhe ter sugerido que se voltasse para Nossa Senhora e lhe pedisse que cuidasse do Seu Coração: «Havia na igreja mais do que uma imagem de Nossa Senhora. Mas, como minhas irmãs arranjavam o altar de Nossa Senhora do Rosário, estava por isso habituada a rezar diante dessa e por isso lá fui também dessa vez. Pedi-Lhe, pois, com todo o ardor de que fui capaz, que guardasse, só para Deus, o meu pobre coração. Ao repetir várias vezes esta humilde súplica, com os olhos fitos na imagem, pareceu-me que Ela sorria e que, com um olhar e gesto de bondade, me dizia que sim. Fiquei tão inundada de alegria, que só a custo consegui articular palavra.»²

A 30 de maio de 1913, na festa do Sagrado Coração de Jesus, recebeu a primeira comunhão: «Mas logo que pousou em meus lábios a Hóstia Divina, senti uma serenidade e uma paz inalteráveis; senti que me invadia uma atmosfera tão sobrenatural, que a presença do nosso bom Deus se me tornava tão sensível, como se O visse e ouvisse com os sentidos corporais. Dirigi-Lhe, então, as minhas súplicas: “Senhor, fazei-me uma santa, guardai o meu coração sempre puro, para Ti só.” Aqui, pareceu-me que o nosso bom Deus me disse, no fundo do meu coração, estas distintas palavras: “A graça que hoje te é concedida permanecerá viva em tua alma, produzindo frutos de vida eterna.”»³

Alguns meses mais tarde, já Lúcia fizera oito anos, a mãe confiou-lhe a tarefa de levar as ovelhas ao pasto do Cabeço,

² Luigi Kondor (compilação), *Memórias da Irmã Lúcia*, Secretariado dos Pastorinhos, 2005, p. 71.

³ *Ibid.*, p. 72.

onde a menina costumava ir com as amigas Maria Justino, Teresa e Maria Rosa Matias, com as quais brincava, lanchava e rezava o terço. Durante esta oração, teve com elas, por três vezes, entre abril e outubro de 1915, a visão de uma figura cândida e resplandecente como a neve. «Parecia uma pessoa embrulhada num lençol... Não se lhe viam olhos nem mãos»⁴, contou à mãe. Depois, revelou uma convicção íntima: «Mas os acontecimentos que se lhe seguiram levam-me a crer que seria o nosso Anjo da Guarda que, sem se manifestar claramente, nos ia predispondo para a realização dos planos de Deus.»⁵

No início de 1916, Olímpia, irmã de António dos Santos e tia de Lúcia, rendeu-se à insistência dos filhos Francisco e Jacinta, os últimos dois de sete que — após ter ficado viúva com outros dois filhos — tivera com o segundo marido, Manuel Pedro Marto (que, por sua vez, era primo de Maria Rosa), e autorizou-os a levarem, também eles, as suas ovelhas a pastar juntamente com o rebanho da prima Lúcia.

«Não sei porquê, mas a Jacinta e o seu irmãozinho Francisco tinham por mim uma predileção especial e buscavam-me, quase sempre, para brincar. Não gostavam da companhia das outras crianças e pediam-me para ir com eles para junto de um poço que tinham meus pais, no fundo do quintal»⁶, contou Lúcia na chamada *Primeira Memória*,

⁴ Carmelo de Coimbra, *Um Caminho sob o Olhar de Maria*, Edições Carmelo, 2013, p. 38.

⁵ Irmã Lúcia, *Como Vejo a Mensagem Através dos Tempos e dos Acontecimentos*, Secretariado dos Pastorinhos, 2006, p. 17.

⁶ Luigi Kondor (compilação), *Memórias da Irmã Lúcia*, Secretariado dos Pastorinhos, 2005, p. 37.

escrita em dezembro de 1935 em resposta às solicitações do bispo de Leiria — que, desde 15 de maio de 1920, era o quarentão José Alves Correia da Silva — para que contasse tudo o que sabia sobre a vida de Jacinta, uma vez que, a 12 de setembro desse mesmo ano, os seus restos mortais haviam sido trasladados de Vila Nova de Ourém para Fátima.

As crianças passavam muito tempo juntas e partilhavam as suas pequenas reflexões espirituais, baseadas nos relatos que a mãe Maria fazia todas as noites sobre a vida de Jesus e de Nossa Senhora. Quando caía a noite, adoravam ficar na eira a contemplar o céu. «Porfiávamos a ver quem era capaz de contar as estrelas que dizíamos serem as candeias dos anjos. A Lua era a de Nossa Senhora e o Sol, a de Nosso Senhor, pelo que a Jacinta dizia, às vezes: “Ainda gosto mais da candeia de Nossa Senhora, que não nos queima nem cega; e a de Nosso Senhor, sim”. Na verdade, o Sol, em alguns dias de verão, faz-se sentir bem ardente; e a pequenina, como era de compleição muito fraca, sofria muito com o calor.»⁷

Enquanto caminhava ao lado do rebanho, recordou a irmã Lúcia, «a Jacinta gostava muito de ouvir o eco da voz no fundo dos vales. Por isso, um dos nossos entretenimentos era, no cimo dos montes e sentados no penedo maior, pronunciar nomes em voz alta. O nome que melhor ecoava era o de Maria. A Jacinta dizia, às vezes, assim, a ave-maria inteira, repetindo a palavra seguinte só quando a anterior tinha acabado de ecoar».⁸

⁷ *Ibid.*, p. 40.

⁸ *Ibid.*, p. 43.

UMA FIGURA LUMINOSA

Num dia qualquer da primavera de 1916, estavam os três no pasto de Chousa Velha. Por causa da chuva, haviam-se refugiado numa gruta, onde tinham rezado o terço segundo uma modalidade inventada para se despacharem e, depois, poderem brincar. «Passávamos as contas dizendo somente: Ave Maria, Ave Maria, Ave Maria! Quando chegávamos ao fim do mistério, dizíamos simplesmente, com muita pausa: Pai Nosso! E assim, num abrir e fechar de olhos, como se costuma dizer, tínhamos o nosso terço rezado!»⁹

Era por volta de meio-dia quando, segundo o relato feito logo a seguir pela própria Lúcia, «um vento forte sacode as árvores e faz-nos levantar a vista para ver o que se passava, pois o dia estava sereno. Vemos, então, que, sobre o olival, se encaminha para nós a tal figura de que já falei. A Jacinta e o Francisco ainda nunca a tinham visto, nem eu lhes havia falado nela. À medida que se aproximava, íamo-nos apercebendo das feições: um jovem dos seus 14, 15 anos, mais branco do que se fora de neve, que o sol tornava transparente como se fosse de cristal, e de uma grande beleza. Ao chegar junto de nós, disse: “Não temais! Sou o Anjo da Paz. Orai comigo.” E, ajoelhando-se em terra, curvou a fronte até ao chão e fez-nos repetir três vezes estas palavras: “Meu Deus! Eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não creem, não adoram, não esperam e Vos não amam.” Depois, erguendo-se, disse: “Orai assim.

⁹ *Ibid.*

Os Corações de Jesus e Maria estão atentos à voz das vossas súplicas”».¹⁰

Alguns meses depois, já no verão, as três crianças estavam na horta dos pais de Lúcia, junto ao poço do Arneiro. Enquanto brincavam, viram novamente o Anjo, que os repreendeu docemente: «O que fazeis? Orai, orai muito, os Corações Santíssimos de Jesus e Maria têm sobre vós desígnios de misericórdia. Oferecei constantemente, ao Altíssimo, orações e sacrifícios.» Lúcia perguntou-lhe como deveriam sacrificar-se e o Anjo respondeu: «De tudo o que puderdes, oferecei a Deus sacrifício em ato de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e súplica pela conversão dos pecadores. Atraí assim, sobre a vossa pátria, a paz. Eu sou o Anjo da Guarda, o Anjo de Portugal. Sobretudo, aceitai e suportai, com submissão, o sofrimento que o Senhor vos enviar.»¹¹

Em ambas as ocasiões, e como viria a acontecer também em todas as aparições posteriores de Nossa Senhora, Francisco não ouvira as palavras do Anjo, que lhe foram repetidas pelas duas meninas. A partir daquele momento, os três decidiram fazer penitência rezando de joelhos, e até ao fim, a oração que haviam recebido.

Num dia de outono, voltaram a rezar na gruta em frente da qual, na primavera, lhes aparecera o Anjo. De repente, sentiram-se envoltos numa luz intensa e viram o Anjo com um cálice na mão, sobre o qual estava suspensa uma hóstia de onde escorria sangue. Deixando a hóstia e o cálice

¹⁰ Carmelo de Coimbra, *Um Caminho sob o Olhar de Maria*, Edições Carmelo, 2013, pp. 36–37.

¹¹ *Ibid.*, pp. 37–38.

suspensos no ar, o Anjo ajoelhou-se e tocou na terra com o rosto, recitando esta oração: «Santíssima Trindade, Padre, Filho, Espírito Santo, adoro-Vos profundamente e ofereço-Vos o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os sacrários da Terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido. E pelos méritos infinitos do Seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-Vos a conversão dos pobres pecadores.» Então, levantou-se e, tomando nas mãos o cálice e a hóstia, deu esta última a Lúcia, enquanto aos primos deu a beber do cálice, dizendo: «Tomai e bebei o Corpo e Sangue de Jesus Cristo, horrivelmente ultrajado pelos homens ingratos. Reparai os seus crimes e consolai o vosso Deus.»¹²

Pouco menos de um ano após a terceira aparição do Anjo, as três crianças tiveram o primeiro encontro com aquela a que inicialmente chamaram «a Senhora». Era domingo, 13 de maio de 1917: Lúcia acabara de fazer dez anos, Francisco estava prestes a fazer nove (nascera a 11 de junho de 1908), ao passo que Jacinta tinha sete (nascera a 11 de março de 1910). Os três pastorinhos estavam com as suas ovelhas no pasto chamado Cova da Iria, a cerca de dois quilómetros de distância das suas casas. Para passar o tempo, construíam um pequeno muro à volta de um arbusto, a que chamavam moita, para o proteger dos animais e para que ele crescesse e dele pudessem fazer vassouras para levar às mães. Subitamente, foram surpreendidos por uma luz forte, como um relâmpago, e a primeira coisa em que pensaram foi

¹² *Ibid.*, p. 39.

reunir o rebanho para levá-lo para casa antes que se levantasse o temporal. Lúcia conta assim esse momento: «Poucos passos andados pela descida da encosta, fere-lhes a vista o reflexo da mesma luz, que julgam ser um segundo relâmpago, o que os faz apressar o passo ainda mais e tocar as ovelhas com maior diligência. Uns passos mais e, aproximadamente a meio da encosta, param surpreendidos ao verem sobre uma pequena carrasqueira a linda Senhora de luz.»¹³

«Não tenhais medo, eu não vos faço mal», foram as primeiras palavras que ouviram. Iniciou-se, então, um profundo diálogo, com Lúcia como protagonista, de acordo com o que ela relata de forma particular na *Quarta Memória* (escrita no outono de 1941):

— «De onde é Vossemecê? — perguntei-lhe.

— Sou do Céu.

— E que é que Vossemecê me quer?

— Vim para vos pedir que venhais aqui seis meses seguidos, no dia 13, a esta mesma hora. Depois vos direi quem sou e o que quero. Depois, voltarei ainda aqui uma sétima vez.

— E eu também vou para o Céu?

— Sim, vais.

— E a Jacinta?

— Também.

— E o Francisco?

— Também, mas tem que rezar muitos terços.»¹⁴

¹³ Irmã Lúcia, *Os Apelos da Mensagem de Fátima*, 3.^a ed., Secretariado dos Pastorinhos, 2005, pp. 125–126.

¹⁴ Luigi Kondor (compilação), *Memórias da Irmã Lúcia*, Secretariado dos Pastorinhos, 2005, p. 173.

Nesta altura, Lúcia perguntou-lhe sobre duas raparigas mortas pouco tempo antes, obtendo a resposta de que uma estava já no Céu e a outra ficaria no Purgatório *até ao fim do mundo* (segundo os analistas, esta expressão não deve ser entendida à letra, mas interpretada como um período de tempo prolongado). E o diálogo prosseguiu:

«— Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em ato de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?»

— Sim, queremos.

— Ides, pois, ter muito que sofrer, mas a graça de Deus será o vosso conforto.

Ao pronunciar estas últimas palavras, abriu, pela primeira vez, as mãos, transmitindo-nos uma luz tão intensa, uma espécie de reflexo que, penetrando-nos no peito e no mais íntimo da alma, nos fazia ver a nós mesmos em Deus — que era essa luz — mais claramente do que nos vemos no melhor dos espelhos. Então, por um impulso íntimo também comunicado, caímos de joelhos e repetimos intimamente:

— Ó Santíssima Trindade, eu Vos adoro. Meu Deus, meu Deus, eu Vos amo no Santíssimo Sacramento.

Passados os primeiros momentos, Nossa Senhora acrescentou:

— Rezem o terço todos os dias para alcançarem a paz para o mundo e o fim da guerra.

Em seguida, começou a elevar-Se serenamente, subindo em direção ao nascente, até desaparecer na imensidade da distância. A luz que A circundava ia como que abrindo um

caminho no cerrado dos astros, motivo por que certa vez dissemos que vimos abrir-se o Céu.»¹⁵

Finda a aparição, as meninas contaram a Francisco o que a Virgem dissera, dado que ele nada ouvira, e todos passaram o resto da tarde pensativos, interrogando-se sobre o sucedido. De vez em quando, Jacinta exclamava com entusiasmo: «Ah, que Senhora tão bonita!» Em 1946, respondendo à pergunta sobre se a estátua colocada no Santuário da Cova da Iria seria parecida com a Senhora que avistara, Lúcia disse com candura, ao escritor William Thomas Walsh: «Não, não muito. Fiquei desapontada quando a vi. De certa forma, está demasiado alegre. Quando vi Nossa Senhora, ela estava triste ou compassiva. Mas é impossível descrever Nossa Senhora... E é impossível fazer uma estátua tão bonita como ela.»¹⁶

Lúcia manifestou diversas preocupações relativamente a Jacinta: «Estou mesmo a ver... Ainda vais dizer a alguém.» Mas a prima assegurou-lhe que podia estar descansada. Relatou a vidente:

«No dia seguinte, quando o seu irmão correu a dar-me a notícia de que ela o tinha dito, à noite, em casa, Jacinta escutou a acusação sem dizer nada.

— Vês? Eu bem me parecia! — disse-lhe eu.

— Eu tinha cá dentro uma coisa que não me deixava estar calada — respondeu, com as lágrimas nos olhos.

— Agora, não chores. E não digas mais nada a ninguém sobre o que essa Senhora nos disse.

¹⁵ *Ibid.*, pp. 173–174.

¹⁶ William Thomas Walsh, *Nossa Senhora de Fátima*, Edições Melhoramentos, 1949, p. 196.

— Eu já disse!

— O que disseste?

— Disse que essa Senhora prometeu levar-nos para o Céu!

— E foste logo dizer isso!

— Perdoa-me... Eu não digo mais nada a ninguém!»¹⁷

De facto, a menina cumpriu o prometido. Quando o então pároco de Fátima, Manuel Marques Ferreira, convocou os três pastorinhos, no final de maio, para um interrogatório, Jacinta baixou a cabeça e o reverendo conseguiu obter dela apenas duas ou três palavras... e com grande dificuldade. Ao regressar a casa, Lúcia perguntou-lhe porque não quisera responder ao pároco, e a resposta foi desarmante: «Porque prometi não dizer mais nada a ninguém!»¹⁸

A notícia, contudo, começara a espalhar-se, suscitando as reações mais díspares. Se os pais dos dois irmãos acreditaram imediatamente na aparição, os de Lúcia, pelo contrário, mostraram-se céticos; a mãe Maria, em particular, foi muito dura com a filha, agredindo-a quer com palavras quer fisicamente: «Tens de dizer a essa gente que mentiste, para que não andem aí enganados a perder tempo e a fazer-mo perder a mim, que não me deixam fazer nada!»¹⁹ A menina não reagia, refugiava-se a chorar no poço e pensava nas palavras de Nossa Senhora, que lhe haviam prenunciado muito

¹⁷ Luigi Kondor (compilação), *Memórias da Irmã Lúcia*, Secretariado dos Pastorinhos, 2005, p. 45.

¹⁸ *Ibid.*, p. 49.

¹⁹ Carmelo de Coimbra, *Um Caminho sob o Olhar de Maria*, Edições Carmelo, 2013, p. 55.

sofrimento. Entretanto, nos dias seguintes, os pastorinhos começaram a rezar o terço completo e a fazer os sacrifícios pedidos.

A SENHORA REAPARECE

Passou um mês e, a 13 de junho, Lúcia levantou-se sozinha, ao amanhecer, para levar o rebanho a pastar. Naquele dia, da festa litúrgica de Santo António (festejado solenemente em Portugal por ser natural de Lisboa), tinha a intenção de regressar a tempo de participar na missa e de ir, depois, à Cova da Iria. É divertida a recordação que a vidente manteve daquela manhã: «Minha mãe e minhas irmãs, que sabiam quanto eu era amiga de festas, diziam-me, então: “Sempre estou para ver se tu deixas a festa para ires para a Cova da Iria falar lá com essa Senhora!” Nesse dia, ninguém me dirigiu palavra, portando-se, a meu respeito, como quem diz: “Deixá-la! Vamos a ver o que faz!”»²⁰

Enquanto estava no campo, contudo, o seu irmão foi chamá-la, ficando ele com o rebanho para permitir que Lúcia voltasse a casa, onde a aguardavam muitas pessoas, vindas das aldeias vizinhas, que queriam acompanhá-la. Depois da missa, a menina foi buscar Francisco e Jacinta e, juntos, dirigiram-se à Cova da Iria, seguidos por uma multidão. O coração de Lúcia estava cheio de amargura devido à incredulidade da sua mãe, que tentara mais uma vez fazê-la confessar que nada era verdade: «Dá-lhe as voltas

²⁰ Luigi Kondor (compilação), *Memórias da Irmã Lúcia*, Secretariado dos Pastorinhos, 2005, p. 82.

que quiseses! Ou tu desenganas essa gente, confessando que mentiste, ou eu fecho-te num quarto onde não possas ver nem a luz do sol. A tantos desgostos, faltava-me que se viesse juntar uma coisa destas!»²¹, disse-lhe com veemência.

Chegados ao local da aparição, os pastorinhos ajoelharam-se para recitar o terço e, pouco depois, preanunciada pelo reflexo de luz que se aproximava rapidamente, a Virgem pousou sobre a azinheira. O relato de Lúcia — na *Segunda Memória*, escrita entre 7 e 21 de novembro de 1937, e, de uma forma mais cuidada, na *Quarta Memória* — foi muito preciso:

«— O que é que Vossemecê me quer? — perguntei.

— Quero que venhais aqui no dia 13 do mês que vem, que rezeis o terço todos os dias e que aprendam a ler. Depois, direi o que quero.

Pedi a cura de um doente.

— Se se converter, curar-se-á durante o ano.

— Queria pedir-Lhe para nos levar para o Céu.

— Sim. À Jacinta e ao Francisco, levo-os em breve. Mas tu ficas cá mais algum tempo. Jesus quer servir-Se de ti para me fazer conhecer e amar. Ele quer estabelecer no mundo a devoção ao meu Imaculado Coração. A quem a aceita, prometer-lhe-ei a salvação, e estas almas serão amadas de Deus, como flores colocadas por mim para enfeitar o Seu trono.

— Fico cá sozinha? — perguntei, com pena.

— Não, filha. E tu sofres muito? Não desanimes. Eu nunca te deixarei. O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus.»²²

²¹ *Ibid.*, p. 83.

²² *Ibid.*, p. 175.

Ao proferir estas últimas palavras, Nossa Senhora abriu as mãos e voltou a comunicar aquilo que a vidente definiu como «o reflexo dessa luz imensa; nela nos víamos como que submergidos em Deus».²³ Ao ver, à frente da palma da mão direita de Nossa Senhora, um coração coroado de espinhos, que pareciam pregados, as crianças perceberam que era o Imaculado Coração de Maria que, ultrajado pelos pecados da humanidade, desejava reparação. Fizeram referência a este pormenor quando falaram de um segredo revelado por Nossa Senhora, em junho, embora, nessa ocasião, não tivessem recebido ordens para manter a reserva; apenas intuíram de que seria oportuna uma total discrição.

Alguns dias depois, apercebendo-se de que a situação estava a tornar-se problemática, o pároco mandou dizer à mãe de Lúcia que gostaria de falar com a menina. «Amanhã, vamos à missa logo de manhãzinha. Depois, vais a casa do senhor prior. Ele que te obrigue a confessar a verdade, seja como for, que te castigue, que faça de ti o que quiser... como obrigar-te a confessar que tens mentido. Eu fico contente.»²⁴ Estas foram as palavras da mãe Maria. Lúcia ficou assustada e disse aos primos o que a esperava: «Nós também vamos. O senhor prior também mandou dizer a minha mãe para nos levar lá, mas minha mãe não nos disse nada dessas coisas. Paciência! Se nos baterem, sofreremos por amor de Nosso Senhor e pelos pecadores»²⁵, respondeu-lhe Jacinta, com firmeza.

²³ *Ibid.*, p. 175.

²⁴ *Ibid.*, p. 84.

²⁵ *Ibid.*

Aquele encontro estava ainda vivo na mente da irmã Lúcia quando o descreveu, por escrito, passados mais de 20 anos:

«Durante a missa, ofereci a Deus o meu sofrimento; depois, atravessei o adro, atrás de minha mãe, e subi as escadas da varanda da casa do pároco. Ao subir os primeiros degraus, minha mãe voltou-se para mim e disse-me: “Não me rales mais! Agora, diz ao senhor prior que mentiste, para que ele possa, no domingo, dizer na igreja que foi mentira e assim acabar tudo. Isto tem lá jeito! Toda a gente a correr para a Cova da Iria, a rezar diante de uma carrasqueira!”

Sem mais, bateu à porta. Veio a irmã do bom pároco, que nos mandou sentar num banco e esperar um pouco. Por fim, chegou o senhor prior. Mandou-nos entrar no seu gabinete, fez sinal à minha mãe para que se sentasse num banco e chamou-me para junto da sua escrivãzinha. Quando percebi que Sua Reverência interrogava com toda a paz e, até, com amabilidade, fiquei admirada. No entanto, conservava a expectativa do que viria. O interrogatório foi muito minucioso e, quase me atrevo a dizer, maçador. Sua Reverência fez-me uma pequena advertência:

— Não me parece uma revelação do Céu. Quando se dão estas coisas, por ordinário, Nosso Senhor manda essas almas, a quem Se comunica, dar conta do que se passa a seus confessores ou párocos, e esta, ao contrário, retrai-se quanto pode. Isto também pode ser um engano do Demónio. Vamos a ver. O futuro nos dirá o que havemos de pensar.»²⁶

²⁶ *Ibid.*

Na biografia escrita após a morte da vidente pelas confeitarias do Carmelo de Coimbra, este momento é descrito como um dos mais angustiantes da vida de Lúcia: «Foi uma aguda seta no íntimo da sua consciência. Daqui vieram noites sem dormir, ou com pesadelos terríveis, que lhe perturbavam o sono; desânimo, abandono da prática do sacrifício, vontade de tudo abandonar e dizer que afinal era mentira; sobretudo, começou a formular o propósito firme de nunca mais voltar aos encontros marcados com a celeste aparição nos dias treze.»²⁷

A pequena vidente morria de medo de ser vítima de um embuste diabólico, de tal maneira que em certa noite teve um sonho que fez aumentar ainda mais as trevas no seu espírito: «Vi o Demónio que, rindo-se de me ter enganado, fazia esforços para me arrastar para o Inferno. Ao ver-me nas suas garras, comecei a gritar de tal forma, chamando por Nossa Senhora, que acordei minha mãe, que me chamou, aflita, perguntando-me o que eu tinha. Não me lembro do que lhe respondi. O que me lembro é que, naquela noite, não consegui dormir mais, pois fiquei tolhida de medo. Este sonho deixou no meu espírito uma nuvem de verdadeiro medo e aflição. O meu único alívio era ver-me só, em algum canto solitário, para aí chorar à minha vontade. Comecei por sentir aborrecimento até com a companhia dos meus primos e, por isso, comecei a esconder-me também deles.»²⁸

²⁷ Carmelo de Coimbra, *Um Caminho sob o Olhar de Maria*, Edições Carmelo, 2013, p. 59.

²⁸ Luigi Kondor (compilação), *Memórias da Irmã Lúcia*, Secretariado dos Pastorinhos, 2005, p. 85.

Coube à pequena Jacinta a tarefa de acalmá-la: «Não é o Demónio, não! O Demónio, dizem, é muito feio e está debaixo da terra, no Inferno; e aquela Senhora é tão bonita! E nós vimo-La subir ao Céu.»²⁹ Contudo, chegados a 12 de julho, Lúcia estava decidida a não ir à Cova da Iria.

«Chamei então a Jacinta e o Francisco e informei-os da minha resolução. Eles responderam-me:

— Nós vamos. Aquela Senhora mandou-nos lá ir.

A Jacinta prontificou-se a falar com a Senhora, mas custava-lhe que eu não fosse e começou a chorar. Perguntei-lhe porque chorava.

— Por tu não queres ir.

— Não, eu não vou. Olha, se a Senhora te perguntar por mim, diz-lhe que não vou porque tenho medo que seja o Demónio.

E deixei-os ficar, para me ir esconder e não ter, assim, que falar às pessoas que me procuravam para me interrogar.»³⁰

UM APELO MISTERIOSO

Mas, na manhã de 13 de julho, uma força irresistível impeliu Lúcia a pôr-se a caminho, apanhando, primeiro, os primos que ainda estavam em casa, chorosos e ajoelhados aos pés da cama, com medo de irem sozinhos à Cova da Iria. Tiveram alguma dificuldade em chegar ao local da aparição por causa da multidão que, lentamente, se adensava ao

²⁹ *Ibid.*

³⁰ *Ibid.*

longo do percurso. O encontro, porém, foi respeitado: as crianças tinham começado há pouco a recitar o terço, junto à azinheira, quando viram o já habitual reflexo de luz. Foi este o diálogo desse dia, narrado sempre por Lúcia:

«— Vossemecê que me quer? — perguntei.

— Quero que venham aqui no dia 13 do mês que vem, que continuem a rezar o terço todos os dias, em honra de Nossa Senhora do Rosário, para obterem a paz do mundo e o fim da guerra, porque só Ela lhes poderá valer.

— Queria pedir-Lhe para nos dizer quem é, para fazer um milagre com que todos acreditem que Vossemecê nos aparece.

— Continuem a vir aqui todos os meses. Em outubro, direi quem sou, o que quero e farei um milagre que todos hão de ver, para acreditar.

Aqui, fiz alguns pedidos que não recordo bem quais foram. O que me lembro é que Nossa Senhora disse que era preciso rezar o terço para se alcançar as graças durante o ano. E continuou:

— Sacrificai-vos pelos pecadores e dizei muitas vezes, em especial sempre que fizerdes algum sacrifício: “Ó Jesus, é por Vosso amor, pela conversão dos pecadores e em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria.” Ao dizer estas últimas palavras, abriu de novo as mãos, como nos dois meses passados.»³¹ Logo a seguir, mostrou e explicou as três partes do Segredo.

Em cada uma das primeiras três aparições, a Senhora abriera as mãos e, imediatamente, as baixara: «Conforme

³¹ *Ibid.*

a interpretação da irmã Lúcia, esta posição das mãos de Nossa Senhora significa o gesto solícito da mãe que levanta o filhinho que caiu — a mão esquerda recolhe-o do chão e a mão direita ampara-o e acaricia-o. É assim que Ela está sempre amorosamente atenta aos filhos caídos nos pântanos da dor e do pecado. A todos oferece a Sua proteção, a todos deseja ajudar a levantar-se e caminhar no bem, único caminho da felicidade.»³²

Ao regressar a casa, mais uma vez a mãe Maria mostrou toda a sua desilusão e, nos dias seguintes, continuou a acusá-la de que «esta pobre gente vem, com certeza, enganada pelas vossas intrujices... Realmente não sei o que fazer para os desenganar».³³ Decidida a obrigá-la a confessar a mentira, levou-a novamente ao pároco e, pelo caminho, parou em casa da cunhada Olímpia, para que Lúcia pudesse informar Jacinta do que se passava. «Vou-me já levantar e vou chamar o Francisco, vamos para o teu poço rezar; quando voltares, vai lá ter»³⁴, foi a resposta da prima.

O pároco, mais uma vez, recebeu-a com ternura e interrogou-a com seriedade e delicadeza, valendo-se até de alguma astúcia para ver se a menina se contradizia relativamente ao que antes relatara. A sua conclusão foi novamente interlocutória: «Não sei o que dizer nem fazer a tudo isto!»³⁵ Lúcia correu para o poço e encontrou lá os outros dois, absorvidos,

³² Carmelo de Coimbra, *Um Caminho sob o Olhar de Maria*, Edições Carmelo, 2013, p. 66.

³³ Luigi Kondor (compilação), *Memórias da Irmã Lúcia*, Secretariado dos Pastorinhos, 2005, p. 87.

³⁴ *Ibid.*, p. 50.

³⁵ *Ibid.*, p. 88.

a rezar de joelhos: «Logo que me viram, a Jacinta correu a abraçar-me e a perguntar como tinha feito. Contei-lhes. Depois, disse-me: “Vês?! Não devemos ter medo de nada! Aquela Senhora ajuda-nos sempre. É tão nossa amiga!”»³⁶

Entretanto, também as autoridades municipais tremiam. A 10 de agosto, António dos Santos e Manuel Pedro Marto receberam uma ordem para se apresentarem com os respetivos filhos, no dia seguinte, perante Artur de Oliveira Santos, presidente da Câmara de Vila Nova de Ourém, que ficava a 15 quilómetros de Aljustrel. O pai dos primos foi lacónico: «Eles, a pé, não aguentam o caminho e, a cavalo, não se seguram em cima da burra, porque não estão habituados. Ademais, não tenho para que apresentar num tribunal duas crianças deste tamanho.» Já o pai de Lúcia anuiu: «A minha vai; que responda ela. Eu cá destas coisas não entendo nada. E, se mente, é bem que seja castigada.»³⁷ Acompanhada pelo pai e pelo tio, a menina fez a viagem montada num burro, do qual caiu três vezes durante o percurso, vencida pelo sono.

Na Câmara Municipal, evocou de seguida Lúcia: «Fui interrogada pelo administrador, na presença de meu pai, meu tio e vários outros senhores que não sei quem eram. O administrador queria forçosamente que lhe revelasse o segredo e que lhe promettesse não voltar mais à Cova da Iria. Para conseguir isto, não se poupou a promessas e, por fim, ameaças. Vendo que nada conseguia, despediu-me, protestando que o havia de conseguir, ainda que para isso tivesse

³⁶ *Ibid.*, p. 50.

³⁷ *Ibid.*, p. 88.

de tirar-me a vida. Ao meu tio, passou uma boa repreensão por não haver cumprido as suas ordens, e lá nos deixaram vir para nossa casa.»³⁸ Também desta vez Jacinta e Francisco se haviam recolhido a rezar junto ao poço, onde a prima os encontrou quando voltou ao fim do dia: «Tu vens aí?! Veio aqui a tua irmã [Maria dos Anjos] buscar água e disse-nos que já te tinham matado. Já rezámos e chorámos tanto por ti!...»³⁹

Dois dias depois, a 13 de agosto, o presidente da Câmara Municipal deslocou-se a Aljustrel e convocou à paróquia as três crianças que, à frente dele e de três sacerdotes, continuaram a afirmar que diziam a verdade relativamente às aparições e que do Segredo não podiam falar. «Isto são coisas sobrenaturais! Vamos embora»⁴⁰, rebateu Artur de Oliveira Santos. E convenceu os videntes a subirem para uma carruagem, que partiu a alta velocidade para Vila Nova de Ourém, onde foram detidos numa cela, com uma grave ameaça: «Ficarão presos até terem dito o segredo. E, se demorarem muito, serão fritos em azeite.»⁴¹

Após passarem a noite a dormir num enxergão, no dia 14 foram submetidos a um longo interrogatório, por entre ameaças de morte e promessas de recompensas. A certa altura, um polícia disse de viva voz que estavam a aquecer um caldeirão cheio de azeite para os fritar. Jacinta foi a primeira a ser levada da cela e convidada a escolher entre

³⁸ *Ibid.*, p. 89.

³⁹ *Ibid.*, p. 51.

⁴⁰ Carmelo de Coimbra, *Um Caminho sob o Olhar de Maria*, Edições Carmelo, 2013, p. 73.

⁴¹ *Ibid.*, p. 74.

revelar o segredo ou morrer no azeite a ferver. A menina afirmou que queria o martírio, e o Francisco comportou-se do mesmo modo. Quando ficou sozinha, também Lúcia se preparou para o suplício, mas, na sala para onde tinha sido levada, reencontrou os primos de perfeita saúde e firmes na intenção de se manterem em silêncio. Após mais uma noite na prisão, as crianças foram levadas à Igreja de Fátima a 15 de agosto, precisamente na altura em que dela saíam os fiéis que haviam participado na missa solene da Assunção.

Para registo, aqui fica o seco comentário que a mãe de Lúcia fez: «Não, eu não me afligi. Pensei que, se é verdade que eles viram Nossa Senhora, Ela os guardará; mas, se mentem, é bem que os obriguem a dizer que mentiram. A eles, a três crianças tão pequenas, não podem fazer grande mal; e como os republicanos não querem nada com Deus nem com Santa Maria, talvez eles consigam obrigá-las a dizer que mentiram e a acabar com isto de uma vez para sempre. Ai! Deus o permita!»⁴²

A 19 de agosto, apenas Francisco, juntamente com o irmão João, acompanhou Lúcia ao pasto, uma vez que a mãe Olímpia se recusara a deixar Jacinta sair de casa. Estavam no campo dos Valinhos, a pouca distância das suas casas, quando a menina percebeu que Nossa Senhora estava a chegar. João foi a correr chamar Jacinta, e assim os três videntes puderam ver juntos a quarta aparição, também ela cuidadosamente descrita por Lúcia, que logo no início fez a habitual pergunta sobre o que Nossa Senhora pretendia dela, obtendo a seguinte resposta: «Quero que continueis

⁴² *Ibid.*, p. 81.

a ir à Cova da Iria no dia 13, que continueis a rezar o terço todos os dias. No último mês, farei o milagre, para que todos acreditem.»

E o diálogo continuou:

«— Que é que Vossemecê quer que se faça ao dinheiro que o povo deixa na Cova da Iria?

— Façam dois andores: um, leva-o tu, com a Jacinta e mais duas meninas vestidas de branco; o outro, que o leve o Francisco, com mais três meninos. O dinheiro dos andores é para a festa de Nossa Senhora do Rosário e o que sobrar é para a ajuda de uma capela que hão de mandar fazer.

— Queria pedir-Lhe a cura de alguns doentes.

— Sim, curarei alguns durante o ano.

E assumindo um aspeto mais triste:

— Rezai, rezai muito e fazei sacrifícios pelos pecadores, que vão muitas almas para o Inferno por não haver quem se sacrifique e peça por elas.

E, como de costume, começou a elevar-se em direção ao nascente.»⁴³

Nesse dia, Jacinta cortou os dois ramos da azinheira sobre a qual a Virgem pousara os pés e, ao passar em frente à casa da tia Maria Rosa, mostrou-lhos, para contestar a sua repetida acusação de que os três eram grandes mentirosos. Surpreendida com o maravilhoso perfume que os ramos exalavam, a tia ficou sem palavras, mas, logo a seguir, o seu raciocínio foi mais prosaico: «Se essa Senhora vier, agora, a aparecer aqui, nos Valinhos, ainda é bom, porque talvez essa gente venha para aqui e deixe de ir à Cova da Iria.

⁴³ Luigi Kondor (compilação), *Memórias da Irmã Lúcia*, Secretariado dos Pastorinhos, 2005, pp. 178–179.

Aqui, nos Valinhos, não causam tanto prejuízo porque não é terra cultivada.»⁴⁴

A PROMESSA E O MILAGRE

A 13 de setembro, contudo, as suas esperanças foram esmagadas pelo apelo interior que, mais uma vez, impeliu os videntes a voltarem à Cova da Iria, onde chegaram acompanhados por imensas pessoas. Lúcia descreveu a situação com vivacidade:

«Numerosas pessoas, e até senhoras e cavalheiros, conseguindo romper por entre a multidão que à nossa volta se apinhava, vinham prostrar-se, de joelhos, diante de nós, pedindo que apresentássemos as suas necessidades a Nossa Senhora. Outros, não conseguindo chegar junto de nós, chamavam de longe.

— Pelo amor de Deus! Peçam a Nossa Senhora que me cure o meu filho, que é aleijadinho!

Outro:

— Que me cure o meu, que é cego!

Outro:

— O meu, que é surdo!

— Que me traga o meu marido...

— ... meu filho, que anda na guerra!

— Que me converta um pecador!

— Que me dê saúde, que estou tuberculoso!

[...]

⁴⁴ Carmelo de Coimbra, *Um Caminho sob o Olhar de Maria*, Edições Carmelo, 2013, p. 79.

«Os acontecimentos de Fátima representam um apelo que o Céu dirige aos homens.»

As aparições da Nossa Senhora em 1917 assinalam de forma inegável uma profunda mudança na fé de muitos católicos, renovando-lhes a esperança profética.

A mensagem de Fátima é eloquente para os crentes de todos os tempos; não ficou presa a uma época passada. No entanto, a veracidade dos factos ainda luta para se sobrepor às controvérsias que este tema continua a gerar.

Neste livro, resultado de uma pesquisa intensa, o autor analisa e partilha com os leitores uma minuciosa seleção de testemunhos e reflexões em torno da história de Fátima. Aborda e aprofunda assuntos como o percurso da Irmã Lúcia, o Segredo divulgado por Nossa Senhora aos três pastorinhos e a revelação da sua «terceira parte». Retrata também a relação dos nove pontífices com estes acontecimentos, da perplexidade de Pio XI à consagração de Bento XVI e Francisco.

Este é um guia que desafia o leitor a conhecer melhor o caminho da fé, da verdade e do enaltecimento de Fátima, que acima de tudo e todos continua a iluminar os acontecimentos do mundo.

No ano em que se cumpre o Centenário das Aparições de Fátima, esta obra lança uma luz nova e definitiva sobre o evento que marcou e mudou a Igreja.

 <p>nascente o curso da sua vida</p> <p>20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-8855-66-4</p>  <p>9 789898 855664</p> <p>Religião</p>
---	--